

Ricardo Vivacqua relembra a luta contra a altitude

Nas eliminatórias da Copa de 1982, o Brasil tinha que enfrentar uma eliminatória difícil, jogando a 3.600 metros de altitude, em La Paz, um lugar com ar tão rarefeito que os jornalistas fumantes já desciam do avião precisando de cuidados médicos, por não conseguirem respirar. Foi nessa ocasião que o diretor médico da CBF pediu ao cardiologista Ricardo Vivacqua que fizesse um planejamento para aclimatar os atletas.

“Fizemos exames completos nos atletas no nível do mar e embarquei a seleção para Bogotá, a 2.600 metros, para treinar uma semana, reforçando os carboidratos na alimentação, principalmente no primeiro dia; depois fomos para Quito, a 2.900 metros, e treinamos mais uma semana, dando ao organismo condições de produzir mais hemácias e hemoglobina”, conta o médico. “Quando finalmente chegamos a La Paz, os jogadores estavam tinindo e demos uma tunda no adversário.” Foi tão bom, relembra Vivacqua, que repetimos o treinamento para a Copa do México, em 1986.

O cardiologista, um dos primeiros brasileiros a se dedicar à medicina do exercício e hoje com 73 anos, diz que atualmente, com os atletas jogando na Europa e chegando às vésperas dos jogos, isso não seria possível, mas não faz mal. O que importa para ele é que o trabalho na seleção e uma vida dedicada à Cardiologia do Esporte ajudaram muito a conscientizar os treinadores, os demais médicos e o público em geral da importância dos aspectos médicos do exercício físico.

Formado em 1958 pela Faculdade Nacional de Medicina, hoje UFRJ, **Ricardo Vivacqua Cardoso Costa** completa, no ano que vem, 50 anos de formado: “E vai ser uma bruta comemoração, porque a faculdade fará 200 anos na mesma data”.

Vivacqua, um dos fundadores do Serviço de Reabilitação Cardiovascular no Instituto Estadual de Cardiologia Aloisio de Castro, em 1976, é do tempo em que mal se iniciava a prática de fazer o

infartado se exercitar. Como ele acreditava muito nos benefícios do exercício, levou a tese para a Sociedade de Cardiologia do Rio de Janeiro, onde também organizou o 3º Simpósio do, então, Grupo de Estudos em Ergometria da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

Apesar de carioca, sempre se sentiu meio paulista, tanto que é sócio da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo. Foi um dos fundadores do Departamento de Ergometria e Reabilitação Cardiovascular da SBC na década de 1980, e sempre desenvolvendo intensa atividade no DERC, e em janeiro de 2008 será seu presidente, substituindo Romeu Meneghelo.

O cardiologista, que tem uma intensa vida associativa, foi, por quatro anos, secretário-geral da SBC, e trabalhou tanto e tão intensamente que só recentemente conseguiu tempo para fazer seu doutorado. “Foram quatro anos, de 1998 a 2002, quando defendi tese na USP”, lembra ele, que tem muito orgulho do seu título de Doutor em Cardiologia pela Universidade de São Paulo. A tese foi sobre insuficiência cardíaca, a influência da massa muscular esquelética na limitação da atividade física nesses pacientes.

Uma das áreas que interessam especialmente a Vivacqua é a morte súbita do atleta. Ele questiona muito os “atletas” de fim-de-semana que acham que com um “treinozinho” de dois meses estão aptos a correr uma maratona. “Como fico, freqüentemente, no hospital de campanha que dá apoio à Maratona do Rio de Janeiro, canso de atender gente que passa mal, que entra em exaustão, muitas vezes com febre e arritmias, precisando de cuidados especiais.” Para o médico, os clubes e os médicos estão bem conscientes da necessidade de exames acurados para quem pretende fazer esporte competitivo, mas o leigo ainda não. E a campanha de divulgação dessa necessidade é uma das bandeiras que levanta.

Integrante do Hospital Pró-Cardíaco, onde se orgulha da Certificação da ONA (Organização Nacional de Acreditação) no nível 3, Vivacqua está envolvido agora com a ergoespirometria, usando equipamento muito moderno adquirido pelo hospital. “Com a ergoespirometria podemos identificar o limiar anaeróbico e todos os parâmetros da atividade cardiopulmonar do atleta, que o teste ergométrico convencional não nos dá”, ensina. “E com esses parâmetros, posso estabelecer, por exemplo, que determinado atleta precisa correr, por exemplo, 180 metros por minuto, com uma freqüência cardíaca ideal de treinamento.”

A importância da ergoespirometria já consta do último livro que Vivacqua publicou, *Ergometria, ergoespirometria, cintilografia e ecocardiografia de esforço*, mas ele está escrevendo outro, sobre a reabilitação cardiovascular, aproveitando o conhecimento que adquiriu no setor em que trabalha no Hospital Pró-Cardíaco, que faz reabilitação de pacientes de alta complexidade, os quais precisam supervisão médica contínua. É um campo importante, pois com o aumento da expectativa de vida do brasileiro, esse tipo de paciente tende a se multiplicar, exigindo cada vez mais do cardiologista. E para Vivacqua, é disso que ele gosta, de uns bons desafios.

